

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Lúcia Di Primio Rodrigues

O LUGAR DA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

**Porto Alegre
2010**

Lúcia Di Primio Rodrigues

O LUGAR DA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Peixoto Albuquerque

Porto Alegre

2010

DEDICATÓRIA

Aos meus pais (*in memoriam*), pelo amor à vida.

A minha família pelo carinho.

Aos meus amigos pelo grande apoio recebido.

Em especial ao meu orientador, Prof. Paulo
Albuquerque Peixoto, pela paciência e compreensão.

“Aprende, não perde nada das discussões, do silêncio. Esteja sempre aprendendo por nós e por você”.

Bertold Brecht

RESUMO

O presente trabalho analisa sobre qual o lugar da escola na contemporaneidade, as formas de legitimações de produções do conhecimento, e quais são as influências, na formação da identidade do sujeito. Com o advento da tecnologia, a dinâmica da produção do conhecimento, está diversificada, mas mesmo assim, a escola ainda é um ponto referencial, quando se fala em formação e aquisição de aprendizagens para o viver socialmente. Sendo o processo escolar ainda muito importante, para a construção de perfis identitários, por isso, há a preocupação de que como está sendo utilizado este dispositivo, se a instituição escolar, serve apenas para reproduzir e fortalecer o *status quo*, ou também, é uma engrenagem para produção de novas ideias, formulando pensamentos críticos, servindo para um repensar da nossa realidade social. Metodologicamente, usamos para o trabalho, a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas, a fim de identificar, nas práticas educacionais da Educação Infantil e da Educação de Jovens e Adultos, como a estandardização do pensamento em toda a rede de produção de conhecimento, pode fortalecer a sociedade que aí está.

Palavras-chave: Lugar da Escola; Hegemonia Cultural; Construção de Identidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O PROBLEMA	9
2 MOLDURA ANALÍTICA	12
2.1 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA	15
2.2 A ESCOLARIZAÇÃO	17
2.2.1 Pressupostos Pedagógicos.....	17
2.3 EDUCAÇÃO INFANTIL.....	20
2.4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	22
3 ESTUDO DE CASO	24
3.1 ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.1.1 Análise 1	24
3.2 ENTREVISTA COM OS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	25
3.2.1 Análise 2	25
3.3 ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS	26
3.3.1 Análise 3	26
3.4 ENTREVISTA COM OS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS	27
3.4.1 Análise 4.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
APÊNDICE A - Escola de Educação Infantil	33
APÊNDICE B - Escola de Educação para Jovens e Adultos.....	34

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo ocidental, indubitavelmente, marcado pelo acesso (ou não) que se tem do conhecimento.

Ele nos é imposto a todo instante, através e a partir dele que se podem ter alguns entendimentos sobre fatos e acontecimentos que nos cercam no dia a dia. Além disso, tendo o conhecer ou não que se estabelece uma relação maior ou menor com o meio social existente.

Na sociedade é a instituição escolar uma das que melhor reflete as formas de poder, ao selecionar, classificar, transmitir o conhecimento educacional formal, que em última instância também pode ser considerado um lugar de controle social.

Mesmo tendo-se outros canais para se acessar o conhecimento, a cultura e a decodificação da realidade, como, por exemplo, a tecnologia, o processo escolar ainda é um lugar de destaque para essa finalidade.

Algumas questões se impõem quando pensamos sobre este lugar privilegiado que é a escola para a formação das pessoas:

- A escola ainda é um lugar de transmissão de conhecimentos, se é, quais conhecimentos são esses? E a que(m) serve?

- Quem participa do processo escolar realmente se prepara para ativamente se constituir sujeito no mundo atual?

- Quais as formas de legitimação do conhecimento na contemporaneidade?

Questões que partem de pressupostos importantes, mas não tensionam o fato de que a escola, na contemporaneidade, é um lugar privilegiado, mas não único quanto à produção e reprodução de valores.

A cultura e o conhecimento considerados válidos pela sociedade continuam sendo produzidos o tempo inteiro em espaços extraclasse; no entanto, a busca de saberes certificados acontece cada vez mais na escola.

Não apenas uma certificação, mas a construção de um modo de ser, de um certo tipo de sociabilidade, que se enquadra na atual, se produz nos espaços escolares, a ponto que a construção da subjetividade das pessoas esteja marcada pelo tipo de formatação proposta pelo plano político pedagógico.

A ver que vivemos em uma época contemporânea - cercada pela modernidade, urge refletir sobre como se constrói essa subjetividade, e se é fruto apenas de idealizações e representações dentro de um contexto delimitado histórica e economicamente.

Por isso a escola não deveria ser um lugar entendido como etapa ou fase para uma finalidade – “ser alguém na vida”. Aliás, expressão que caracteriza e vem modelada por valores e reconhecimentos sociais que precisam ser entendidos e refletidos de como ocorrem, porque resultam de uma lógica social hegemônica, que transforma o processo escolar (cultura e conhecimento), em uma busca incessante do sucesso; elemento-chave, finalístico e fundamental de uma sociedade capitalista (GRAMSCI, 2001).

É importante destacar que dois grandes processos diferenciados, mas complementares, moldam o mundo de hoje: a globalização e a identidade. e que a busca do ser bem sucedido, está inserida em um sistema de costumes, que pressiona constantemente às pessoas a se conectarem ao padrão vigente estandardizado. Modo de ser que tem na passividade e não no questionamento a sua marca principal, com isso capital e tecnologia se reforçam e se complementam.

A revolução na tecnologia e a reestruturação do capitalismo deram origem a um tipo de sociedade que na atualidade assume outra forma, em rede, fazendo com que a informação necessária ao conhecimento e à baliza comportamental, que antes era exclusiva da escola, seja fornecida em outros espaços educativos ou informacionais.

Tal situação gera um paradoxo, rompe com certos predicados do *status quo*, ao propor e facilitar a construção de modos diferenciados de ser, pela fragmentação; por outro lado, reforça que há apenas um *modus vivendi* para se apresentar à sociedade, já que esta só espera e valoriza uma apresentação social com conhecimentos e modos de ser, que venham através do processo escolar formal.

O trabalho que a seguir apresentamos tem a seguinte organização:

Capítulo 1 - O Problema;

Capítulo 2 - A Moldura Analítica;

Capítulo 3 - Estudo de Caso;

Capítulo 4 - Considerações Finais.

1 O PROBLEMA

Eficiência do processo escolar em preparar a pessoa para o mundo de hoje, qual o papel da escola de agora.

Na sociedade do conhecimento em que vivemos valoriza-se mais que o conhecer, o se informar. Com o advento da tecnologia, muitas portas se abriram para se adquirir informações e estas são usadas para a conexão e entendimento do mundo.

Estamos em um mundo que as informações são passadas de uma forma cada vez mais rápida e dinâmica. Pelos meios de comunicação, pela Internet, aonde quer que estejamos, estamos sendo bombardeados de questões informativas e valorativas da sociedade. Isso, aliado a uma superficialidade e uma instabilidade valorativa, que por vezes se torna assustadora.

A rapidez das ideias e informações nos atinge seguidamente, e constantes novas ideologias são articuladas o tempo inteiro.

Acontece uma absorção muito grande de conhecimentos, muitas vezes superficiais, sendo que às vezes esta informacionalidade é ambígua e obscura quanto às suas funcionalidades.

No século XIX, houve a racionalidade *a priori*. No século XX, temos o confronto desta mesma racionalidade, que já não embasa a totalidade, a demanda dos anseios de novos tempos.

No nosso século, nos encontramos em um estado paradoxal de multiplicidade e unicidade de questões valorativas que nos faz pensar o que congrega e consagra tudo isso.

A nossa sociedade está alicerçada em um caráter prático de conhecimento, tendo sua pré-constituição e pré-organização alavancadas através da cientificidade.

A valorização do conhecimento científico começou com o Iluminismo e essa forma de legitimar o que se sabe atravessou a modernidade.

Com o avanço tecnológico, fortaleceu mais ainda a ideia de explicitação e realização do meio social ao qual o ideal é o progresso. No entanto, este progresso que realmente se instaurou, foi às custas de uma profunda desigualdade social, que em muitos países está nítida até os dias de hoje.

A estrutura dessa sociedade, injusta e desigual, foi desvelada por Marx, e seus valores, tendencialmente secularizantes, por Weber, quando fala da racionalidade e dos processos organizativos burocratizados (MARX, 1989).

E nesse contexto sociotécnico, a escola cumpre e cumpriu um lugar específico até os anos 90 do século XX.

O grande avanço da tecnologia, agregado à reestruturação do Capitalismo, trouxe-nos, como diz Manuel Castells (1999), a sociedade da informação - uma realidade paradoxal, onde a globalização impera, junto a uma grande disparidade social e econômica.

Através desta sociedade em rede e com a demanda de um capitalismo reformulado que teve como característica uma maior flexibilização e descentralização no gerenciamento das empresas, fortaleceu-se o capital.

Houve, junto a isso e por isso, um significativo declínio dos movimentos trabalhistas. e uma contínua diferenciação dos papéis das instituições que formam a sociedade. Dentro de todas essas reformulações paradigmáticas, a escola está procurando o seu lugar.

O papel da escolarização de outrora era de condicionar e habilitar as pessoas para a sociedade. Através dela, se preparava cultural e tecnicamente para participar ativamente da rede social. O papel de formação (ou formatação) era essencialmente o processo escolar.

Nos tempos de hoje, com as inúmeras formas de se obter informações, esse papel ficou como que descolado, ou pelo menos, não é mais apenas na escola que se estabelecem as relações de troca de conhecimentos.

Em tempos anteriores, tínhamos um suposto “rumo certo” para a criança, onde, para obter valores e predisposições sociais e ideológicas, havia a escola e nela, aprendia-se ou desaprendia-se, conforme a circunstância que se estava (de acordo aos interesses vigentes).

Isso valeria para um adequar-se e um interagir socialmente de acordo com sua classe social.

Não temos como não citar, para abordar esse assunto, o currículo que é apontado nas escolas de antes e como são usados e abordados ainda hoje em dia.

De acordo com Bowles e Gintis (1981), Bourdieu (1983) e Althusser (1985), a estreita relação da educação, da produção e disseminação da ideologia na escola aponta como um espaço de reprodução capitalista.

Cabe a nós refletirmos se isso ainda ocorre, e quais os atravessamentos institucionais que leva a estabilidade e conformabilidade de uma realidade econômica e política que nos cerca.

Na sociedade do conhecimento, a contemporaneidade atual, a obtenção do lucro (a mais valia), é a partir da técnica obtida, e a geração de riqueza apontada no capitalismo como sua base está atravessada pelo paradigma cibernético.

Dessa forma, o controle ideológico do indivíduo ainda acontece, mas com um

diferente viés, tendo a ideia da vontade individual, perpassado pela ideia do poder. Um poder, segundo Castells (1999), que é inexistente por ser inócuo.

Temos nesse contexto contemporâneo uma superestrutura, em que a capacidade de intervenção no domínio das ações possíveis do sujeito fica controlada pela tecnologia.

Este atual procedimento das forças hegemônicas, que focam a dominação sobre as condições de atuação das pessoas, está se mostrando cada vez mais eficaz.

Tomas Tadeu da Silva (1999) nos indica o caminho dizendo que há um caráter socialmente construído das formas de consciência e conhecimento, assim como as estreitas relações com as estruturas sociais institucionais e econômicas.

Cabe a nós verificarmos se a escola de agora cumpre este famigerado papel, e se não é possível a partir da reestruturação de uma nova base curricular construir um novo conhecimento, também, a partir de grupos subordinados e não apenas dos dominantes, onde se refaçam concepções e situações sociais existentes e pré-estabelecidas.

Existe uma inúmera ordem de fatores com qual se reflete uma realidade em que o tempo inteiro há enfrentamentos e conflitos de como construir sua identidade, obter conhecimentos e conseguir (con)viver participativamente, com senso crítico do momento atual.

Quem sabe assim se começaria a fazer uma tão sutil diferença à produção do saber escolar e o que ela representa para as pessoas.

2 MOLDURA ANALÍTICA

Vou me empenhar, então, neste momento, em configurar de alguma forma alguns paradigmas conceituais, que emolduram e contextualizam na pertinência da pesquisa em questão.

Para se falar em subjetividade, temos que contextualizá-la, pois na contemporaneidade esta aparece como eixo de si mesma, sendo a questão principal de um sujeito que vive e convive em uma sociedade abrangente, competitiva e complexa (MORIN, 1996).

Para este mesmo autor, a construção da subjetividade do sujeito contemporâneo vai da complexidade existente da sociedade e chega na complexidade individual.

Vivemos em mundo onde as realidades sociais e individuais são cada vez mais caóticas e imprecisas, por isso mais imprevisíveis. Isto nos faz pensar em que e como somos constituídos como sujeitos e quais os dispositivos que existem para se fazer essa construção.

Quando se fala da constituição do sujeito, Silva (1999) diz que o sujeito não existe a não ser como simples e puro resultado de um processo cultural e social.

Partindo desse pressuposto, o cultural e o social que o ainda não sujeito está inserido, será de fundamental suporte para a construção da identidade desse indivíduo e da sua colocação no mundo social.

Então, entender o processo social que aí está é fundamental para se entender o sujeito que ele mesmo criou. Estamos em uma sociedade claramente capitalista.

Segundo Gramsci (2001), o poder das classes dominantes sobre o proletariado e todas as classes dominadas, dentro do modo de produção já citada, não reside apenas no controle do modo de produção e dos aparatos repressivos do estado, mas sim, fundamentalmente, pela “hegemonia cultural” que as classes dominantes logram exercer sobre as dominadas, através do controle do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação.

Pensando assim, o imaginário social seria composto por um conjunto de relações imagéticas, que atuam na memória coletiva, com um forte substrato ideológico internalizado pela comunidade.

Haveria então, o tempo inteiro, mesmo que falsamente invisível, uma liderança cultural ideológica (no caso a dominante) sobre as outras culturas.

Gramsci (2001) distingue duas esferas no interior das superestruturas. Uma delas, representando a sociedade política, onde a classe dominadora detém o monopólio legal da repressão; e a outra, representando a sociedade civil, que designa o conjunto das instituições

responsáveis pela elaboração e divulgação dos valores ideológicos que compreende o sistema escolar, e os meios de comunicação, existindo uma hegemonia revestida de coerção.

“Assim como a sociedade produz o homem enquanto homem, ela é produzida por ele” (MARX, 1989).

Tendo em vista tentar compreender como se constitui o sujeito nessa sociedade, devemos ter a consciência das contradições que há nos dois elementos, e que equipamentos atravessam e são atravessados para a construção de cada um deles.

O grupo social ou o indivíduo pode-se consciente dessa contradição, elevar este pensamento a princípio do conhecimento, portanto da ação (práxis). A engrenagem capitalista engloba macro e micropoderes, definindo uma cartografia do imaginário coletivo.

O sistema educacional está dentro disso, instruindo o tempo inteiro para valores em que cada vez mais se amalgamam todas as classes sociais em torno de um mesmo projeto burguês.

A intenção é sempre essa, mas a própria escola também é um lugar que produz historicamente estratégias teóricas, que objetivam a reformulação do processo social vigente.

Isso faz com que ela, além de apenas reproduzir e sustentar o meio social e econômico dominante, também seja um lugar de produção e conscientização da realidade que se é vivenciada.

Pensando agora na construção da identidade, temos que pensar o que é ela própria.

Segundo Silva (1999), a identidade nos coloca frente à teoria de “querer”, que radicaliza o questionamento da estabilidade da fixidez da identidade, feita pela teoria do feminismo recente.

Esta teoria questiona o predomínio da heterossexualidade, e como ela é considerada a normal, discutindo a forma como os processos discursivos de significação, tentam fixar determinada identidade sexual.

Seguindo este pensamento, “nós somos o que nossa suposta identidade define o que somos”, e “o que se torna assim uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e aos conhecimentos sexuais, mas que se estende para o conhecimento de identidade” (SILVA, 1999, p. 107).

Para Silva (1999, p. 81), “a identidade é um processo de produção simbólica discursiva”, mediado por relações de poder. Junto a isso, nos fala que o diferente também é construído a partir da marcação simbólica referente á outras identidades (WOODWARD, 2000).

Então, podemos antever que toda construção particular da identidade do sujeito irá

perpassar pelos meios de poder que estão à sua volta, e suas inúmeras simbologias quanto ao grau e dimensão a eles referidos.

Sabendo o conhecimento como cultura, e cultura como pedagogia, o outro ponto destacado pelo autor, é uma das consequências da informacionalização. Ela se dá como uma virada culturalista na teorização curricular, na qual percebe-se uma redução de fronteiras, entre conhecimento acadêmico/escolar e conhecimento cotidiano.

Novamente nos remete ao pensamento em que lugar está a escola na produção de conhecimento neste mundo contemporâneo, e onde o saber não escolar começou a ter vez e voz e função na sociedade.

E mais, qual dimensão desse poder, e se ele realmente é legítimo, ao sujeito, quanto ao agir socialmente.

Entendendo que o poder está em toda parte e é multiforme, é interessante invocar o quanto isso faz parte da identidade de cada um, alternando e criando representações simbólicas que servirão a este ou àquele interesse circunstancial.

Evocando Gramsci (2001) para analisar essa a situação, o poder das classes dominantes, sobre os dominados, dentro do sistema capitalista, não reside simplesmente no controle dos aparatos repressivos do estado e em deter os modos de produção. A coisa fica um pouco mais além, refletindo que o poder é mantido, através, fundamentalmente, do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação.

Usando desse controle, as classes que não estão no poder vivem como se fosse “natural”, e até agradável à submissão as primeiras, perpetuando uma situação velada e tendenciosa.

Com a ideia de pátria ou nação, os dominadores criam para o povo um sentimento de identificação, de união (falso) em nome de um destino nacional e um ufanismo dissimulado.

Assim sendo, se forma então o “bloco hegemônico” que alicerça a todas as classes em torno do mesmo projeto de vida burguês.

Pensando que a pluralidade identitária humana é ontológica, mas não necessariamente real, e que exista esta manipulabilidade geral que nos indica Manuel Castells (1999), qual seria o caminho para pensar em reversão ou modificação desse processo (se que há), sendo ele tão intenso e abrangente.

Tentando identificar e entender o alcance que há nisso, no modo de produzir conhecimentos, e realidades, cabe ressaltar, o quão incomensurável valor, qualquer meio que implicitamente ou não se configure como detentor de informação, pois esse meio irá colidir ou co-existir com o modo social/econômico presente.

Somos seres construídos historicamente, então, de alguma forma, para melhor explicitar todo esse contexto que existe hoje temos que nos referirmos ao passado para o melhor entendimento da questão.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA

Para entendermos e pensarmos um pouco como é escola hoje, e qual seu espaço dentro da sociedade, vamos ter voltar ao tempo, e refletirmos como era a escola de ontem.

Temos no Renascimento, conhecido como Século da Luzes, o interesse pela educação greco-romana, e bastante ênfase na matemática e ciências científicas da natureza, para explicar a realidade e a sociedade.

Houve nessa época, transformações culturais, sociais, políticas e econômicas, desencadeadas a partir desse movimento, que acarretou mudanças profundas na sociedade e também na significância da escola e o lugar dela no meio social.

Os principais pensadores dessa época, que começaram a fazer diferença sobre assuntos educacionais e formação do homem, foram Rousseau e Comênius.

No século XVII, separa-se então, a Igreja Católica do Estado, e, conseqüentemente, a escola estatiza-se cada vez mais.

Com a consolidação da burguesia, há várias redefinições de paradigmas, dentro deles, a família e a escola, que ficam cada vez mais, centralizadas e formatizantes, na expectativa de vida do indivíduo.

Na própria construção da identidade, esses lugares, ficaram direcionados, com um caráter ideológico e cultural já moldados para cada pessoa.

A preparação do sujeito para viver dentro da sociedade em questão passava pela instituição educacional, que formava, ensinando conhecimento e valores conforme as regras sociais da época.

Houve entre os séculos XVI e XVII, a instituição do colégio, onde existiu o processo da organização disciplinar. Essa disciplina descobriu-se, com raízes na disciplina religiosa, que vigorava no ensino na Idade Média, era a partir do controle máximo, mediante a monitoração total do saber.

A escola moderna também teve da estrutura anterior, as suas práxis disciplinares (prêmios e castigos), que continuaram cada vez mais consistentes e por vezes injustas.

Com a Didática Magna, que marca o início da sistematização da Pedagogia, Comênius, se transformou no primeiro nome da Moderna História da Educação. Ocorre então, uma racionalização de todas as ações educativas, indo da teoria didática, até as questões cotidianas. A prática escolar deveria seguir (imitar) os processos da natureza. Comênius persegue a unificação da totalidade do conhecimento humano.

A constituição de uma enciclopédia do saber e sua adaptação às capacidades infantis, são o tema da pedagogia comeniana, criando então a “pansofia”. Propôs ele uma ruptura com a escolástica (feita pela Igreja Católica, voltada para elite, e dedicada a assuntos abstratos).

Difundia o ensinar tudo a todos, respondendo a duas urgências do seu tempo: o aparecimento da burguesia mercantil, e o direito reivindicado pelos protestantes, à livre interpretação dos textos religiosos.

É no século XIX que se concretizam, com a intervenção cada vez maior do Estado, o estabelecimento da escola elementar universal, leiga, gratuita e obrigatória, enfatizando a relação entre a educação e o bem-estar social, a estabilidade, o progresso e a capacidade de transformação.

Vai-se inserindo aí a ideia do progredir unido ao saber/fazer, daí o interesse pelo ensino técnico ou pela expansão das disciplinas científicas.

Os principais pedagogos do início da modernidade educacional foram: Pestalozzi, que era um defensor da escola popular extensiva a todos. Reconhece a função social do ensino, que não se acha restrito a formação do “gentil homem”.

Froebel (2001) também foi um nome importante na Pedagogia Moderna, pois privilegia a ação lúdica, por perceber o significado funcional do jogo e do brinquedo, para o desenvolvimento sensório-motor e inventa métodos para aperfeiçoar as habilidades. Temos com Herbart, a ideia de que a escola ou a conduta pedagógica segue três preceitos básicos: o governo, a instrução e a disciplina, firmando assim, o pensamento de estatização da educação.

Concebe-se, cada vez mais, uma escola onde as pessoas entram para aprender valores e conteúdos, que iriam servir para uma melhor manutenção da sociedade que vigorava na época.

A pedagogia do século XX, além de ser tributária da psicologia, da sociologia e de outras coisas como a linguística e a antropologia, tem acentuado a exigência que vem desde a Idade Moderna, qual seja, a inclusão da cultura científica como parte da escola nova.

Já a Escola Nova, que foi um movimento mais recente do ponto de vista de historicidade, tem como a principal argumentadora da metodologia, que estimula a atitude livre, mas concentrada, com base nos princípios da dedicação (MONTESSORI, 2005).

Já na teoria socialista de Gramsci (2001), a educação proposta está centrada no valor do trabalho, e na tarefa de superar a dicotomia existente entre o fazer e o pensar, entra a cultura erudita e a popular. Ele acreditava que uma mudança na sociedade viria com um redimensionamento da mentalidade e isso perpassava pela educação.

É a chamada teoria crítica-reprodutivista, na qual a escola está condicionada pela sociedade, que ao invés de democratizar, apenas reproduz as diferenças sociais.

Predominou em toda a História da Escola na Modernidade, o planejamento e organização racional da atitude pedagógica, operacionalizando os objetivos, como uma especialização das funções.

Isto é, prepara as pessoas para, além do socialmente, também estarem aptas para ativamente entrar no mercado de trabalho, existindo assim, a predominância da aprendizagem objetiva.

Com Piaget tivemos a visão de que a influência do meio altera o equilíbrio, fazendo com que a inteligência que exerce a função adaptativa por excelência, restabelece então a regulação.

Já Vigotsky (1991), nos fez ver que os fenômenos da linguagem e do pensamento busca compreender dentro do processo sócio-histórico, a relação entre o sujeito, e a mediação que acontece nos sistemas simbólicos.

Todas essas teorias tiveram sua parte na construção de uma filosofia pedagógica que imperou na modernidade que se vivenciou dentro do processo escolar.

Construiu-se assim, uma escola onde as pessoas eram valorizadas por seu saber científico e técnico e seu posterior papel que iriam fazer na sociedade.

2.2 A ESCOLARIZAÇÃO

2.2.1 Pressupostos Pedagógicos

Afinal quais os pressupostos pedagógicos que permeiam a escola que sobrevive até hoje no contexto contemporâneo.

Supostamente, temos um mundo letrado, em que as pessoas estão inseridas, e a comunicação escrita é mais legitimada que a oral.

Assim, para ser mais reconhecido socialmente, o sujeito terá que decodificar os elementos constitucionais de modalidade escrita e oral, para se ter prestígio perante o outro ser social.

Este não é o único motivo, como também para uma melhor movimentação social como sujeito presente e ativo no contexto atual.

O espaço legitimado para obter-se este conhecimento ainda é a escola. Mas não só ela. Temos vários outros elementos, que nos trazem informação, como os meios de comunicação e a tecnologia, nas mais variadas formas possíveis.

Na nossa vida cotidiana, nos é imposta todo o tempo, tarefas de leitura e escrita, e elas são necessárias para uma maior ou menor organização das atividades sociais que subsistem.

Este entendimento do mundo perpassa pelo letramento, que é um processo onde está encaixada, geralmente, a alfabetização.

Entendendo que o letramento, segundo Tfouni (1995), tem naturezas variadas, inclusive pode ocorrer sem a citada (alfabetização).

O letramento é um processo sócio-histórico, e investigá-lo implica em estudar as transformações que ocorrem em uma sociedade como a nossa, quando suas atividades passam a ser permeadas por um sistema, onde o uso da escrita e o seu entendimento é fundamental.

Entendendo que as práticas pedagógicas escolares estão encharcadas de valores que traduzem princípios e regras, vamos supor então, que há interesses por trás desse fato, e quais os resultados esperados de uma pessoa com formação escolar.

Quando o homem nasce, ele começa a vivenciar um caminho de uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas, de signos, de símbolos. Junto a isso, das formas institucionalizadas da organização social. Assim, aos poucos, vai assumindo o seu próprio padrão de vida, a que lhe é proposto.

Estes pressupostos geralmente fazem com que o sujeito aceite o esquema estandardizado do padrão cultural, que lhe é transmitido pelos antecessores, professores e autoridades. É como se houvesse receitas prontas para interpretar o mundo social e lidar com as pessoas.

É também assim que nos colocamos no lugar social a que nos é proposto.

Segundo Bernstein (1996), o conhecimento educacional é um importante regulador da experiência humana, e por isso, deve ser cuidadosamente analisado.

Precisamos olhar como transmissão formal da aquisição de saberes através do processo escolar, a evocação e o manutenção de formas de experiência, de construções de identidade e relação social.

Entendendo que o conhecimento formal é realizado através de três sistemas simbólicos básicos, que são o currículo, a pedagogia e a avaliação; cabe refletir, se os exames de ideologias educacionais, impregnando consciente ou inconscientemente à prática docente, é de maior ou menor relevância.

Sharp e Green (1975) definem ideologia do ensino como um conjunto interligado de crenças e ideias sistematicamente relacionadas, sobre as características percebidas como essenciais no ensino. Uma ideologia de ensino envolve tantos aspectos cognitivos, como avaliativos e incluirá ideias gerais e pressuposições sobre a natureza humana.

Pensando assim, Bernstein (1996) fala que a criança de classe média é orientada a aprender quase tudo. E quando o sistema escolar não é subsidiado pelo lar, frequentemente, o aluno fracassa. Isto é, os dois núcleos, familiar e escolar, quando não estão conectados, provavelmente, não haverá a aquisição do conhecimento, pois faltará um elemento complementar de formação.

Há nesses dois núcleos a funcionalidade de mantenedores da ordem social vigente, por isso tão observados e dignos de controle para quem tem os meios de produção existentes, isto é, a classe dominante.

Pode-se entender, como acontece tão seguidamente, o fracasso escolar das classes menos favorecidas economicamente, e como isso serve ainda ao *establishment*.

Considerando o poder como elemento crucial na análise da sociedade, alguém pode exercer controle e aplicar sanções sobre outros independentemente da definição da realidade dos atores.

Isto é, há uma sutil força de poder em todas as redes que transmitem valores, cabendo sempre a qualquer pessoa que queira ter uma imagem mais lúcida da realidade atual, distingui-la e refletir sobre e como isto acontece.

Esta engrenagem deriva não da linguagem, ou do sistema de significados simbólicos, mas da “distribuição do poder e autoridade na macro-estrutura, formas de poder muito mais sutis em evidência” (SHARP; GREEN, 1975, p. 34).

Visto isto, é como se a escola e o sujeito que se formarão lá, estão simbioticamente relacionados já com o poder que está cercando o processo escolar, e dependendo da pedagogia usada, o reforçando ou o reformulando.

O professor pode relacionar-se como consociado com o aluno, ou serem meros contemporâneos (anônimos), o docente então, ignorando falsamente a realidade do discente, alicerçando a sua condição.

A escola pertence, querendo-se ou não, à esfera do estado, e é lugar onde os

estudantes se preparam para ingressar na força do trabalho e exercer mais ou menos ativa a consciência de sua cidadania.

A macro-estrutura de modo indireto condiciona o ensino, mas devemos falar que nunca totalmente, pois é uma condicionante, que pode ser reformulada, dependendo da pedagogia e da forma como a educação é gerida.

Pode-se pensar na pedagogia como produtora de pessoas, preparando-as para que se tornem cidadãos críticos e ativos, política e socialmente. Isto é, produzir e mediar pedagogicamente alguma modalidade da relação da pessoa consigo mesma, com o objetivo explícito de sua transformação.

Dentro dessa realidade, ainda não totalmente desvendada, quanto ao lugar que a escola está na significância das pessoas, e na sociedade, temos um, porém a se pensar: a escola, mesmo que não única e um pouco menos legitimada para transmissão de conhecimentos, ainda é um lugar de expectativas de mudanças de vida.

Digo isto, porque existe ainda um grande movimento em direção à escola, tanto de crianças como de adultos para o retorno aos estudos.

Teremos que buscar dentro dos pressupostos da Pedagogia da Educação do Jovem e Adulto e da Educação Infantil, para detalhar um pouco mais esse fenômeno e quem sabe entendê-lo.

2.3 EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança produz e é produzida pela escola, pelo cultural e pelo social e é através disso que aos poucos ela vai se constituindo neste mundo, construindo sua própria identidade, e fazendo sua própria leitura do mundo que está ao seu redor.

Espera-se que a escola cumpra funções socializadoras, além da preparação para complexidade da vida moderna.

A dúvida é, se a escola está efetivamente cumprindo este papel na contemporaneidade (e se algum dia cumpriu).

Há várias infâncias, visto que a criança é um signo de linguagem do contexto a que está inserida (a escola, a família, a cultura).

A Educação Infantil, então, aparece como um espaço e tempo de aprendizagem para entre as crianças e o adulto, o intermediador ser o mundo, valorizando a interação do

professor e do aluno através das diferentes linguagens.

É claro que isso nem sempre acontece, pois dependendo da forma em que se dialoga pedagogicamente com o outro, pode-se estar inculcando valores já pré-estabelecidos que conseqüentemente servirão de embasamento para formar opiniões valorativas, no caso, nas crianças.

Conforme Montessori (2005), a criança seria a professora do adulto, e com o método da observação, ela revelaria suas qualidades e necessidades. A disciplina está presente mesmo assim, mas seria uma disciplina “ativa”, trazendo à tona a riqueza interior que o infante teria.

Para Kraemer (1992), a função da Escola Infantil é social, caracterizando promotora da cidadania, salientando o desenvolvimento infantil e a aquisição de conhecimentos para construção da autonomia. Eu diria um aporte a mais para a criança construir a própria identidade social.

Kraemer (1992) concebe a infância como uma fase de desenvolvimento do ser humano. A criança se desenvolve psicologicamente, envolvendo áreas psicomotoras, linguísticas e socioafetivas; é muito influenciada pelo meio social a que está inserida.

Acreditando, Dornelles (2005) refere que a educação é um fenômeno cultural, e como tal é produzida em cada cultura em meio a crianças concretas perante situações concretas. Assim sendo, elas quando vão à escola já trazem um contexto de valores com elas (familiar e cultural), é a partir desses atravessamentos informacionais que elas construirão ideias sobre o mundo e como agir nele.

Para Deheizelein e Lima (1990), a função da Educação Infantil é ensinar elementos fundamentais da nossa cultura, estruturando elementos constitutivos sobre o mundo ao redor.

A criança conhece e constrói as noções e os conceitos à medida que age e observa e se relaciona com o mundo ao redor.

É óbvio que se há um senso comum sobre vários conceitos valorativos e assim são meramente passados a ela, estes provavelmente serão internalizados e dificilmente questionados.

O contexto social e econômico repercute diretamente no desenvolvimento psicossocial da criança.

O processo de industrialização e agora tecnológico acelerou cada vez mais o desenvolvimento de uma sociedade capitalista e individualista, em que a criança absorve todos esses elementos valorativos perpetrados, desde a infância, com um impacto ideológico cada vez mais único e uníssono para sua vida.

Acreditando que o valor não é uma qualidade absoluta, e sim relativa, de um objeto, a

ser valorizado, ele exprimirá uma relação dinâmica entre este e o sujeito e conseqüentemente entre este e a sociedade.

Assim sendo, mesmo com uma gama de fatores que indiquem uma educação voltada ao consumo, esta situação pode ser revertida aos poucos com uma tomada de consciência do coletivo, iniciando porque não no próprio processo escolar.

2.4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Vamos pensar um pouco como se segue a Educação dos Jovens e Adultos e para que ela serve.

Pressupondo que a vida cotidiana seja permeada de leituras e escritas, os indivíduos da sociedade de alguma maneira têm que decodificá-la para se constituir no processo social a que estão inseridos.

Podemos refletir também que o letramento de uma pessoa por ser sócio-histórico, por definição, também é ideológico, sabendo que a dominação cultural faz-se principalmente com base na força, no poder e na autoridade das práticas escritas.

Temos então a alfabetização de adultos, dentro de uma cadeia social de distribuição de conhecimentos, mesmo eles provavelmente só alcançando um grau de letramento, por isso seguirão marginalizados no processo de produção.

O letramento associa-se diretamente às práticas sociais, e na EJA, os adultos das camadas populares, não puderam cumprir o processo escolar na infância, por uma contingência econômica que os deixaram mais frágeis socialmente.

Quando eles retornam à sala de aula para alfabetizarem-se, têm vários empecilhos que os levam à desistência, quer seja pelo cansaço, quer seja pelos motivos que muitas questões do dia a dia são prioritárias a eles, tais como: moradia, emprego e/ou saúde. E que se sobrepõe à educação própria.

Além das condições sociais que lhe são totalmente desfavoráveis, há o próprio processo de alfabetização que é difícil por si só.

Unir a alfabetização de adultos unindo o compromisso político foi o que Paulo Freire (1997) sempre nos indicou, pois concebeu o homem como um ser de vocação ontológica para ser sujeito, um ser de relações atuantes na sociedade e isto é possível a partir de uma releitura mais consciente de cada um e de seu papel social.

Considerar uma ação alfabetizadora que tome como ponto de partida o que os adultos sabem, em lugar do que ignoram, também é um pressuposto mais coerente para a EJA, pois, além de estar respeitando o sujeito como presente e transformador, está valorizando a pessoa que está ali tentando obter novos conhecimentos.

Pensando que a alfabetização ou letramento, leva além do domínio da escrita, um melhor entendimento do mundo pode ser um dos fatores que as pessoas são incentivadas para além do instrumental imediato. Provavelmente sempre há a intenção de compartilhar o saber socialmente acumulado nas diferentes áreas.

Nós somos, como alfabetizadores, os mediadores da relação que os sujeitos alfabetizando e eles estabelecem a nova leitura do mundo que terão.

Perceber o que há por trás das palavras escritas é um ganho nas relações com o mundo.

O ato de escrever e ler é indissociável à função expressiva e comunicativa da escrita, comunicar-se é expressar-se.

Cada aluno já tem uma maneira de comunicar-se, mas a aquisição do conhecimento sobre o código escrito é um processo cognitivo, que cada pessoa é capaz de construir o seu próprio conhecimento quanto a isso.

Em todo esse contexto a alfabetização/letramento do adulto tem um significado interessante quanto ao melhor ler o mundo e ao buscar conhecimento além daquele já captado ao longo da vida.

3 ESTUDO DE CASO

Através de minha experiência pedagógica na Educação Infantil e o meu estágio na Educação de Jovens e Adultos, resolvi, no mesmo lugar em que fiz minhas práticas, fazer um recorte de realidade, a partir de entrevistas com alunos e professoras dessas escolas, para através das respostas destas, tentar fazer uma breve análise e reflexão quanto ao lugar da escola na atualidade/contemporaneidade.

Afinal, pensar um pouco mais de quais são as expectativas do aluno e do professor para o processo escolar.

A pergunta é esta: O que se aprende? Para os educandos. A pergunta para os educadores é: O que querem que os alunos aprendam?

O meu intuito era comparar as respostas da EJA e Educação Infantil, exatamente para distinguir alguns parâmetros de constituição, quanto ao que se espera da escolarização, em relação à formação do sujeito quando criança e depois já de adulto, e qual as abrangências de vida que a formação escolar traz nos ideais paradigmáticos da pessoa.

Vamos então às entrevistas.

3.1 ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quadro 1 – O que querem aprender

RESPOSTA L*	“Eu quero aprender a ler e escrever, minha mãe disse para eu vir à escolinha para aprender e obedecer aos professores”.
RESPOSTA M*	“Eu venho à escola porque é legal; eu aprendo músicas, a gente brinca bastante. A professora conta histórias e a gente desenha. Minha mãe disse que eu tenho que vir a escola para aprender muita coisa”.

* Fonte: Entrevista semi-estruturada realizada no período do mês de outubro do ano de 2010.

3.1.1 Análise 1

Refletindo sobre a primeira resposta que foi obtida do educando, pode-se perceber, e isto era o esperado, que a fala do adulto se mostra presente refletindo diretamente no que é

dito. Claramente aparece o letramento e a alfabetização, mostrando que as pessoas têm como definido o lugar de se aprender a ler e a escrever, que é na instituição escolar.

No final da resposta, aparece a sobreposição do poder, em que o educando cita que se deve obediência ao professor, nos remetendo a valores, ou seja, a disciplina aparecendo como uma constante nos valores educacionais. O valor do controle já transparece na Educação Infantil.

Na segunda resposta é meio diferenciada, pois aparece mais a ideia do educando relatando que acha bom vir à escola porque é um lugar de ludicidade.

Explicita-se também a linguagem como ponto focal (contação de histórias), reiterando a ideia que se reforça do desenvolvimento da oralidade nesta época escolar. Interessante notar, que o segundo educando entrevistado não cita que aprende coisas. Essa fala é de sua progenitora, parecendo novamente aí a expectativa que o adulto tem quando coloca o seu filho na escola.

3.2 ENTREVISTA COM OS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quadro 2 – O que querem que os alunos aprendam

RESPOSTA M*	A educadora M* me responde que o objetivo dela é bastante amplo, nem sempre compreendido pela estrutura escolar vigente. Ela pretende através, principalmente da ludicidade, promover momentos em que aconteçam produções de conhecimentos, através da experiência deles, sendo ela, a educadora, uma intermediadora dessa produção.
RESPOSTA C*	A Educadora C* me respondeu a pergunta dizendo que pretende que seus alunos aprendam coisas sobre o mundo e como se comunicar com ele. Ela refere que, através do lúdico, ela tenta promover sempre coisas novas para que eles possam com prazer ter o seu desenvolvimento intelectual, emocional e psicológico pleno para se formarem pessoas sensíveis e conscientes.

* Fonte: Entrevista semi-estruturada realizada no período de outubro do ano de 2010.

3.2.1 Análise 2

Na resposta da primeira educadora, há uma crítica quanto à estrutura administrativa da escola onde ela está, pois refere não se sentir compreendida.

Mesmo não explicitando exatamente como e quando isto acontece, parece-nos que há também uma cobrança quanto ao que se ensinar para a criança da Educação Infantil.

O termo lúdico sempre aparece na fala dos educadores da Educação Infantil, isto parece uma vertente forte que apareceu como que para preservar a infância, mesmo que esteja a frente de um dispositivo formal de educação.

Também na resposta aparece a palavra intermediadora de produção de conhecimento, nos remetendo a Piaget, em que a produção de saberes acontece principalmente na interação da criança com o objeto sendo o educador um mediador desse fato.

3.3 ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

Quadro 3 – O que querem aprender

RESPOSTA N*	Quando eu fiz essa pergunta, o educando me relata que principalmente era para os filhos dele, pois antes ele não podia nem ler uma história para seus filhos. “A vida fica mais fácil, porque sabendo ler eu posso ler as placas de ônibus, e o nome das ruas onde eu ando e assim não me sinto perdido, nem preciso perguntar para ninguém”.
RESPOSTA V*	Quando eu fiz essa pergunta o educando, me relata que principalmente ela queria aprender a ler e escrever seu nome. “Eu quero aprender a ler e escrever meu nome, não saio daqui da escola sem aprender isso”. “Às vezes eu tô muito cansada, mas venho igual, porque ainda não aprendi direito a escrever”.

* Fonte: Entrevista semi-estruturada realizada no período de novembro do ano de 2010.

3.3.1 Análise 3

Passando para a entrevista da EJA, a primeira resposta do educando fica muito clara quanto ao como ele acha importante aprender a ler e escrever para melhor ler e entender o mundo.

Inclusive uma fala muito interessante, além de funcional, também afetiva.

Na segunda educanda tem uma fala bastante clara quanto ao que ela quer aprender que é escrever o seu nome, tendo isso com o intuito maior. Pode-se pensar que essa importância

de se apropriar da escrita do nome próprio leva a uma melhor conscientização de concretude quanto ao que se é.

Tem na sua fala também uma explicitação do cansaço e da dificuldade que é conciliar toda uma vida de trabalho com o estudo, o que mostra bem o perfil de uma grande parte dos educandos da EJA.

3.4 ENTREVISTA COM OS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

Quadro 4 – O que querem que seus alunos aprendam

RESPOSTA M*	A educadora me relata que quer que seus alunos aprendam a ler e escrever, pois isso melhorará a vida deles. Fala-me também o quanto é difícil quando não há uma continuação dos estudos por parte deles e que a desistência é grande.
RESPOSTA C*	A educadora me diz que pretende que os alunos aprendam a melhor ler o mundo e isso perpassa pela alfabetização deles. Relata-me também que há uma grande desistência por parte dos alunos e que isso provém de inúmeros fatores principalmente o cansaço por parte dos educandos que os próprios tanto relatam.

* Fonte: Entrevista semi-estruturada realizada no período de novembro do ano de 2010.

3.4.1 Análise 4

Na resposta do primeiro educador da EJA está bem clara a sua ideia de que ler e escrever são fundamentais para uma melhora de vida.

A educadora em questão não explicita exatamente como melhoraria a vida deles, mas tem uma ideia bem clara quanto a isso. Realmente tem certeza que a alfabetização junto ao letramento em mundo letrado como nosso é fundamental para uma melhor manutenção vivencial na sociedade.

A resposta da segunda educadora me pareceu bem semelhante, pois também tem a ideia de que para eles é muito importante a aquisição da leitura e da escrita.

Percebe-se aí o pressuposto que adquirir especificamente a leitura e a escrita para estes cidadãos vai facilitar as suas vidas de algum jeito.

Nas duas respostas apareceu a preocupação quanto a não continuidade dos estudos dos educandos e o quanto isso é frustrante para ambos.

Pode-se perceber tanto na EI quanto na EJA, a expectativa de educadores e educandos e que como os valores de uma maneira ou de outra são cobrados, tanto para com os que detêm o conhecimento, como para os que não os detêm.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei concentrar meu trabalho no lugar que a escola está ocupando na contemporaneidade.

A minha preocupação é a de que como formanda em Pedagogia, o que este lugar, ainda muito importante para a sociedade, está fazendo para constituir a realidade que aí está.

Fui ao conceito de hegemonia cultural de Gramsci (2001), pois ela explica e muito o quanto há uma dominação sutil e invisível de uma classe a outra e o quanto isto interfere na constituição das pessoas e do meio social.

Ela está como em todos lugares, também na escola, padronizando os conceitos de vida e as pessoas mesmo inconscientemente buscam apenas esse padrão, pois lhes parece o único legítimo.

Quando Castells (1999) fala na sociedade do conhecimento que estamos vivendo agora, nos explica que existe agora outros meios de obter conhecimento, mas até que ponto isto é sinônimo de independência as instituições, ou é mais apenas uma peça na engrenagem para manipulação do pensamento das pessoas fazendo assim o manutenção do *status quo*.

Na minha pesquisa, com o estudo de caso, consegui obter alguns pontos em comum ao meu pensamento, mas também várias coisas que não havia pensado ainda.

Isso foi muito rico para minha reflexão, pois pude comparar parâmetros e repensar vários conceitos de padrão de vida e ideal de vida. Pude constatar sem sombra de dúvida que a realidade é muito mais rica que a teoria e isso é ótimo, pois me faz crer que nada é determinista mesmo e que a sociedade sempre é capaz através dos seus atores sociais ser transformada.

Não foi muito fácil isso, há vários elementos constitutivos de saberes que estão atravessados pela contemporaneidade, tentei refletir a partir de tudo que já observei até agora, como acadêmica e como cidadã do mundo.

Como somos todos construídos historicamente, penso que também meu tema não foi escolhido ao acaso.

Como os valores são passados para as pessoas, aonde que são reproduzidos e como isso serve para constituir uma continuidade ou não a sociedade e suas desigualdades e paradigmas sempre foi uma questão na minha vida.

Temos nos dias de hoje a busca do conhecimento e da informação o tempo inteiro. E é claro que sem um mínimo de conhecer, não há como se interagir e se relacionar socialmente.

A sociedade ainda está muito desigual e essa distribuição de conhecimento e saber reflete quantitativamente e qualitativamente nas classes sociais, fazendo perpetuar a continuidade do desnível econômico e cultural já existentes.

Isso gera uma incessante reprodução da disparidade econômica social.

Mesmo assim, com a minha pesquisa, e dialogando com os autores citados no trabalho, vi que há também produção de consciências novas dentro do processo escolar e fora dele, pois, apesar dos condicionantes estruturais que colocam o processo escolar como uma instituição destinada a assegurar a manutenção do consenso social, sempre há maneiras de pensar e realizar possibilidades de ação social que não sejam mantenedoras da ordem vigente.

Na contemporaneidade parece existir *a priori* que é a urgência de tudo, desde emoções até adquirir novos saberes (ou informações).

Temos dispositivos de aquisição de conhecimentos sendo gerados todo o tempo. Isto pode estar servindo ao continuísmo e a ausência da crítica social e uma maior consciência de mundo.

Mas como acredito que a realidade é múltipla, diversa e imprevisível não pode ser, portanto nenhuma instituição escolar ou não, uma mera reprodução da estrutura que a condiciona.

A principal forma de legitimação do sistema de dominação da nossa sociedade é a criação de regras e mecanismos de interação, supostamente consensuais perpetuando a dominação.

Necessariamente, desenvolvendo práticas sociais democráticas dentro da escola, começa a iniciar-se um processo de horizontalização das relações de poder, podendo haver uma transformação na dimensão das práticas sociais efetivas.

Há de se haver também uma maior redimensionamento nas práticas pedagógicas que reconhecidamente seja de caráter coletivo atribuindo a ação educacional o atrelamento de um desenvolver de autonomia intelectual, questionando verdades e ideologias oficiais, rediscutindo os poderes instituídos e legitimados como únicos.

Quem sabe aos poucos a escola fique em lugar não mais de mera reprodução da realidade, mas de produções de uma nova instância social, que seja mais humanitária e igualitária.

Não quis em nenhum momento (nem poderia) ter conclusões sobre este assunto tão vasto e complexo. Esta é uma primeira parte de um pensar sobre a escola e o contexto contemporâneo e o que tudo isso significa para a construção dessa realidade que aí está.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BOWLES, S.; GINTIS, H. **La instrucción escolar en la América capitalista**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1981.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 439.

DEHEINZELIN, M.; LIMA, Z.V.C. **Professor da pré-escola**. Rio de Janeiro: Globo-Fundação Roberto Marinho, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FROEBEL, F. **A educação do homem**. Tradução de Maria H. C. Bastos. Passo Fundo, RS: UPF, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 1992.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MONTESSORI, M. **Da infância à adolescência**. Rio de Janeiro: ZTG, 2005.

MORIN, E. A noção de sujeito. In: SHNITMAN, D.F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996. p. 45-74.

SHARP, A.; GREEN, A. **Educação e controle social: um estudo na educação primária progressiva**. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1975.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p 156.

TFOUNI, L.V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L. **Formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

APÊNDICE A - Escola de Educação Infantil

A escola de Educação Infantil em que foquei minha entrevista é um Jardim de Praça situado perto da área central de Porto Alegre.

Ela trabalha nos dois turnos, apenas com Educação Infantil. Nela, se encontram duas professoras no turno da manhã mais uma estagiária de apoio. No turno da tarde trabalham duas professoras, e também uma estagiária para apoio das práticas pedagógicas.

As crianças que frequentam essa escola são da maioria de classe média, com idade de três a cinco anos.

Há no recinto escolar uma professora que atua como diretora para parte administrativa e burocrática, uma funcionária para limpeza e uma funcionária que trabalha na cozinha, preparando os lanches para os alunos.

O horário de funcionamento é das sete e trinta às dezessete e trinta horas.

As professoras que entrevistei têm graduação superior em Pedagogia e atuam na área há mais de quatro anos, sendo que sempre em Educação Infantil.

APÊNDICE B - Escola de Educação para Jovens e Adultos

A escola de Educação para Jovens e Adultos na qual foquei minha entrevista, se situa na parte central do município de Porto Alegre.

É uma escola que atende um grande número de alunos, aproximadamente 1000 alunos nos três turnos, manhã, tarde e noite.

É um prédio de quatro andares onde estão as salas de aulas, um auditório, uma sala para música e um laboratório de informática. No térreo se encontra a secretaria.

A escola atende alunos com necessidades especiais e existe o terceiro andar, havendo aulas apenas para surdos com professores preparados para esta prática de ensino.

Também se atendem alunos com deficiência visual.

Existe um grande número de alunos adolescentes que estão terminando o correspondente do ensino fundamental. Os mais idosos geralmente estão nas primeiras totalidades (que correspondem aos primeiros anos iniciais).

A escola oferece também muitas oficinas como de canto, artesanato e instrumentos musicais como violão e flauta.